

**Programa de desenvolvimento de habilidades sociais com estudantes
superdotados: relato de experiência de uma psicóloga escolar**

***Social skills development program for gifted students: experience report of a
school psychologist***

***Programa de desarrollo de habilidades sociales con estudiantes superdotados:
informe de experiencia de un psicólogo escolar***

Clarissa Nogueira **Borges**¹

Resumo

Os modelos teóricos contemporâneos consideram as altas habilidades como resultantes da interação de diversos fatores, como habilidades específicas, características de personalidade, criatividade, motivação e influência do ambiente familiar e escolar. Essa concepção evidencia a necessidade de os programas de atendimento ao superdotado adotarem estratégias que favoreçam o desenvolvimento de aspectos cognitivos e psicossociais. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de um programa para desenvolvimento de habilidades sociais, direcionado a adolescentes superdotados. Também são discutidas possibilidades de atuação do psicólogo escolar que contribuam para o desenvolvimento psicológico saudável dos estudantes com altas habilidades e para o desenvolvimento de seus talentos.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação; Habilidades sociais; Psicólogo escolar; Atendimento educacional especializado.

Abstract

Contemporary theoretical models consider high abilities as resulting from the interaction of several factors, such as specific skills, personality traits, creativity, motivation and influence from family and school environments. This conception highlights that the support programs for gifted people need to adopt strategies that favor the development of cognitive and psychosocial aspects. From this perspective, the aim of this article is to report the experience of a program for social skills development, aimed at gifted adolescents. The article also discusses possible strategies by which the school psychologist may contribute to foster both the healthy psychological development of students with high abilities and the development of their talents.

Keywords: High abilities/giftedness; Social skills; School psychologist; Specialized educational support.

Resumen

Los modelos teóricos contemporâneos consideran las altas habilidades como resultado de la interacción de varios factores, como las habilidades específicas, las características de la personalidad, la creatividad, la motivación y la influencia del entorno familiar y escolar. Esta concepción destaca la necesidad de que los programas de atención a superdotados adopten estrategias que favorezcan el desarrollo de los aspectos cognitivos y psicossociales. Desde esta perspectiva, el objetivo de este artículo es relatar la experiencia de un programa de desarrollo de habilidades sociales, dirigido a adolescentes superdotados. También se discuten las posibilidades para el desempeño de los psicólogos escolares que contribuyan al sano desarrollo psicológico de los estudiantes con altas habilidades y al desarrollo de sus talentos.

Palabras clave: Altas habilidades/superdotação; Habilidades sociales; Psicólogo escolar; servicio educativo especializado.

¹ Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde; Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; E-mail: claranogborges@hotmail.com

Introdução

O interesse pela compreensão de aspectos relacionados à superdotação vem sendo ampliado ao longo dos anos. As concepções vigentes nas primeiras décadas do século XX associavam o fenômeno exclusivamente ao alto desempenho em testes de inteligência. Por outro lado, as abordagens mais recentes consideram que uma diversidade de fatores, internos e externos, influencia o desenvolvimento de potenciais e a manifestação de comportamentos de superdotação (Pfeiffer, 2012, 2015; Renzulli, 2012; Subotnik, Olszewski-Kubilius, & Worrell, 2011). Essas mudanças na concepção de altas habilidades trazem implicações tanto para o processo de identificação de indivíduos superdotados, quanto para o planejamento de estratégias de intervenção.

De acordo com Renzulli (2012), os programas de atendimento educacional aos superdotados têm como objetivo proporcionar aos estudantes o máximo de oportunidades para autorrealização, fomentando o desenvolvimento de seus talentos, ~~bem como~~ e ampliar o número de pessoas que poderão oferecer soluções criativas para os problemas enfrentados pela sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, além de estimular as habilidades cognitivas, os programas devem promover o desenvolvimento de características como empatia, otimismo, coragem, sabedoria e liderança, bem como das funções executivas, que podem ser definidas como a “capacidade de se engajar em novas situações que requeiram planejamento, tomada de decisão, resolução de problemas e liderança compassiva e ética” (p. 156).

De modo similar, Olszewski-Kubilius et al. (2019) enfatizam a importância de variáveis psicossociais para a transição de habilidades em competências, de competências em expertise e de expertise em produtividade ou eminência criativa. Os autores realizaram uma pesquisa de revisão de literatura e consultoria a especialistas da área, com o objetivo de identificar habilidades psicossociais associadas ao alto desempenho em vários domínios. Autorregulação emocional (regulação da excitação / relaxamento, enfrentamento de desafios, resiliência e gerenciamento da ansiedade), autorregulação cognitiva (controle do foco de atenção e concentração), autorregulação motivacional (estabelecimento de metas, autoeficácia, autoconfiança, perseverança, comprometimento e persistência), autorregulação metacognitiva (gerenciamento do tempo e habilidades de organização), e habilidades sociais foram consideradas variáveis importantes para a maioria dos campos de atuação, em todos os estágios do desenvolvimento de talentos.

Diferentes pesquisas indicam que as habilidades não cognitivas podem ser ensinadas e que o aprimoramento dessas habilidades tem um impacto positivo no desenvolvimento pessoal, social e acadêmico (Durlak et al., 2011; Smithers et al., 2018). Nesse sentido, Subotnik (2015) recomenda que as habilidades psicossociais sejam deliberadamente cultivadas nos programas de desenvolvimento de talento, por meio de atividades de treinamento, mentoria e aconselhamento de estudantes superdotados.

Uma experiência de treinamento em habilidades sociais foi conduzida por Foley-Nicpon et al. (2017) com 37 crianças superdotadas, com idade média de 9.91 anos, matriculadas em um programa de verão para desenvolvimento de talentos. Vinte e oito crianças com dificuldades sociais participaram de uma intervenção com foco em habilidades sociais, enquanto os nove participantes do grupo controle realizaram apenas as atividades relacionadas a suas áreas de talento (arte, matemática, ciências, escrita, história, etc.). Todos responderam ao instrumento Escala de Qualidade da Amizade, composto por cinco fatores: Companheirismo (passar tempo com os amigos), Conflitos (brigas com os amigos), Ajuda (assistência que se pode obter de amigos), Segurança (amizades confiáveis que se reconciliam após um conflito) e Proximidade (avaliação dos

laços de amizade). O treinamento em habilidades sociais ocorria no horário do almoço, utilizando técnicas de modelagem e automodelagem a partir de vídeos. Os participantes eram convidados a interagir livremente com os pares e facilitadores, sendo propostos jogos em alguns encontros. As conversas eram gravadas e no encontro seguinte os facilitadores exibiam trechos da filmagem selecionando exemplos positivos ou negativos de interação social entre os membros. Assim, os participantes discutiam estratégias para desenvolver habilidades de amizade, tais como: ouvir, fazer perguntas, elogiar, manter conversas e usar a linguagem corporal de forma adequada. Os resultados sugerem que a intervenção teve um impacto positivo significativo na disposição dos participantes para buscar ajuda dentro de suas amizades em comparação com o grupo controle. Entretanto, esse efeito não foi encontrado em relação aos demais fatores. Os resultados do pré e pós-teste indicaram que todas as crianças que participaram do programa de desenvolvimento de talentos, planejado para abordar principalmente os domínios cognitivos, tiveram mudanças positivas em sua autopercepção do prazer de passar o tempo com os amigos e na capacidade de contar com eles, mesmo após um conflito.

Oliveira et al. (2020) realizaram um programa de treinamento em habilidades sociais com nove estudantes superdotados, com idade entre seis e 10 anos. Seus respectivos pais/responsáveis e suas professoras também receberam orientações sobre superdotação e habilidades sociais. Todos os participantes responderam, antes e após a intervenção, ao Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR), instrumento que avalia o repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica das crianças. Os resultados indicaram uma ampliação do repertório de habilidades sociais, segundo a percepção dos estudantes. Para os pais/responsáveis, houve melhora em relação à responsabilidade. As professoras, por sua vez, apontaram ganhos quanto às habilidades sociais gerais, autocontrole, assertividade/desenvoltura social, cooperação/afetividade e competência acadêmica.

Outro exemplo de intervenção nessa área é o Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais para Jovens Talentosos (PDHSJT), projeto de extensão da Universidade de Brasília, realizado por uma equipe composta por professora-supervisora, monitores, mediadores e bolsistas de extensão (Chagas-Ferreira et al., 2019). Foi planejado a partir da demanda de professores do Atendimento Educacional Especializado ao Estudante com Altas Habilidades/Superdotação (AEE-AH/SD) da Secretaria de Educação do Distrito Federal e de egressos do atendimento que estavam cursando o ensino superior. Esses estudantes e professores constataram que o desenvolvimento de habilidades sociais era um desafio para muitos superdotados.

Antes de descrever o programa, é importante ressaltar que as pesquisas sobre bem estar psicológico e desempenho social de pessoas com altas habilidades não são conclusivas (Neihart, 1999). Por um lado, dados apontam que superdotados são tão ajustados psicologicamente e socialmente quanto seus pares não superdotados. Outros estudos, por sua vez, indicam que características associadas à superdotação, como sensibilidade emocional, consciência aguçada de si mesmo, perfeccionismo, autocrítica excessiva, envolvimento intenso com atividades de seu interesse, idealismo e senso de justiça, inconformismo, e sensibilidade às expectativas dos outros podem provocar maior vulnerabilidade emocional e dificuldades na socialização. As pesquisas sugerem, ainda, que o desenvolvimento socioemocional não depende apenas das características pessoais, mas da interação destas com fatores ambientais. É fundamental, portanto, que as famílias e as instituições educacionais reconheçam as necessidades intelectuais, emocionais e sociais dos superdotados e proporcionem condições favoráveis ao

desenvolvimento saudável (Alencar, 2007, 2014; Alencar & Fleith, 2001; Chagas-Ferreira, 2014; Chagas & Fleith, 2010; Fleith, 2009; Gross, 2014; Neihart, 1999; Neihart et al., 2016).

Dessa forma, o Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais foi criado para atender às necessidades apontadas pelos professores e estudantes superdotados, tendo como público-alvo, inicialmente, egressos do AEE- AH/SD, alunos do curso de psicologia e graduandos que entram em idade precoce na universidade (Chagas-Ferreira et al., 2019). Diversas edições do programa têm sido realizadas desde a sua criação. No artigo citado, as autoras descrevem os resultados obtidos a partir da avaliação de 34 participantes, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e a um questionário composto por perguntas fechadas e abertas que avaliam aspectos estruturais do programa. Os dados referentes ao IHS indicaram que houve melhora significativa nos cinco fatores avaliados (Enfrentamento com risco, Autoafirmação na expressão de afeto positivo, Conversação e desenvoltura social, Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas, e Autocontrole da agressividade a situações aversivas) e no escore geral. No que diz respeito ao questionário, 98,3% dos participantes avaliaram o programa como muito ou altamente satisfatório em relação ao atendimento de suas expectativas, à dinâmica dos encontros, à mediação dos monitores, à qualidade e relevância do material impresso, à pertinência das atividades semanais de automonitoramento, e quanto à interação do grupo em termos de receptividade, respeito, relações harmoniosas e amigáveis.

A repercussão positiva do programa ampliou a demanda por novas turmas na universidade e no AEE-AH/SD. Nesse sentido, foram planejadas algumas edições voltadas para professores e psicólogos do atendimento educacional especializado. Essa participação capacitava os profissionais para aplicar o programa nas salas de recursos em que atuavam. A seguir será relatada a experiência de uma psicóloga, autora deste artigo, como mediadora do programa.

Relato da Experiência com Grupos de Superdotados do Atendimento Educacional Especializado do Distrito Federal

O atendimento educacional aos estudantes com altas habilidades do Distrito Federal é ofertado em salas de recursos localizadas em escolas de todas as coordenações regionais de ensino da Secretaria de Educação. Em uma dessas regionais foram realizadas três edições do Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais, mediadas pela psicóloga do atendimento. Para se tornar mediador era necessário ter passado pelo programa como participante. Além disso, semanalmente ocorriam supervisões, nas quais os mediadores de diferentes grupos, com a orientação de uma das idealizadoras do programa, discutiam o material, avaliavam os encontros realizados e planejavam as adaptações necessárias.

Todos os adolescentes que frequentavam o atendimento foram convidados a participar do programa. Vinte e um estudantes, com idade entre 12 e 17 anos, aceitaram o convite, com a autorização de seus pais. Dois grupos foram compostos por oito adolescentes e a outra turma formada por cinco alunos. Onze participantes eram do gênero feminino e 10 do masculino. Em relação à área de talento, oito frequentavam as salas de recursos na modalidade acadêmica e 13 eram da área artística.

Foram realizados 12 encontros² semanais com duração média de 1h e 40 min. Cada encontro era baseado nos conteúdos do encarte elaborado pelas organizadoras do projeto (Chagas-Ferreira et al., 2019), tendo como principal referência os trabalhos de Del Prette e Del Prette (2005, 2008). De acordo com esses autores, habilidades sociais referem-se a um conjunto de comportamentos necessários para lidar de maneira adequada com as demandas de situações interpessoais. Nessa perspectiva, o programa busca desenvolver as seguintes habilidades: (a) automonitoria: capacidade de observar, descrever, interpretar e regular os próprios pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais; (b) comunicação: fazer e responder perguntas, pedir e dar feedback, gratificar e elogiar, iniciar, manter e encerrar conversação; (c) civilidade: demonstrar cortesia, cumprimentar, apresentar-se, despedir-se; (d) assertividade: manifestar opinião, fazer, aceitar e recusar pedidos, desculpar-se e admitir falhas, interagir com autoridade, expressar sentimentos negativos e solicitar mudança de comportamento, lidar com críticas; (e) empatia: capacidade de compreender os sentimentos e pensamentos do outro e expressar apoio; (f) resolução de conflitos interpessoais; e (g) expressão de sentimentos positivos.

No que se refere à estrutura dos encontros, na primeira semana realizou-se a apresentação dos membros do grupo e ambientação, além da discussão dos objetivos do programa, estabelecimento de regras e introdução à temática, com a análise de comportamentos socialmente habilidosos ou não habilidosos. Os demais encontros, com exceção do último, eram iniciados com uma atividade de acolhimento, que era seguida pelo relato dos participantes sobre a tarefa de automonitoramento proposta na semana anterior. O conteúdo do encontro era trabalhado por meio de dinâmicas, vivências, ensaios comportamentais, leitura de textos específicos e discussões em grupo. Antes do encerramento era explicada a atividade de automonitoramento a ser realizada ao longo da semana, e os participantes avaliavam o encontro. O último encontro era um momento de confraternização, autoavaliação e avaliação de distintos aspectos do programa, por meio de questionário com questões fechadas e abertas e relatos orais.

A análise dessas avaliações revelou dados semelhantes aos descritos por Chagas-Ferreira et al. (2019). A maioria avaliou o programa como muito ou altamente satisfatório em relação ao atendimento de suas expectativas, à dinâmica dos encontros, à mediação da psicóloga, à pertinência das atividades semanais de automonitoramento, e à interação do grupo. Outros aspectos positivos mencionados foram o clima de acolhimento, a possibilidade de falar sobre diferentes assuntos, o desenvolvimento de autoconhecimento, empatia, consciência e responsabilidade pelos atos, além do impacto nas relações interpessoais. A duração do programa foi considerada um aspecto negativo, uma vez que os participantes gostariam de continuar se reunindo com o grupo. Seguem alguns exemplos dos relatos dos estudantes:

Me diverti bastante com as dinâmicas e elas ajudaram a diminuir minha timidez. Confesso que tive um avanço durante os encontros. Fiz novas amizades, amava toda vez que chegava o dia da semana para nos encontrar, porque eu sabia que sairia muito melhor do que quando eu cheguei... Esse grupo foi uma das melhores coisas que aconteceu pra mim e tenho certeza de que não sou a única que pensa assim, fico muito feliz de ter participado. Acho que a única coisa negativa é que não nos veremos mais nesses encontros.

² O Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais é estruturado em 13 encontros, porém, em função do calendário escolar, foi necessário reduzir o número de encontros, sendo trabalhados os conteúdos de duas unidades em um único dia.

Sempre fui um tanto quanto fechado em relação à socialização, e por muitas vezes a evitei por completo. O grupo me deu uma ideia de interação e ajudou na construção de uma base de empatia, para compreender as pessoas ao meu redor em qualquer ambiente.

Eu gostei muito do curso, porque apesar de ter um grupo de alunos você conseguiu fazer todo mundo se sentir acolhido de uma forma diferente, todos participavam e ninguém se sentia excluído, nem mesmo os mais retraídos. No grupo também conversamos sobre tudo, todas as questões sociais, e eu achei muito interessante porque levei quase tudo pra vida mesmo.

Conhecer pessoas que tem problemas maiores do que os meus me ajudou a perceber que a vida não é tão ruim assim, e que eu só tenho que saber aproveitar, assim como tenho que aprender a admitir meus erros. Começar por mim em vez de esperar pelos outros tornou a vida melhor pra mim e pra quem convivia comigo.

As aulas de habilidades sociais foram de bastante utilidade pra mim, porque serviram para uma maior conscientização dos meus atos. Além de ter uma abordagem dinâmica de assuntos que raramente são abordados em outros lugares, e resultaram em grande autoconhecimento e responsabilidade. Foi muito importante porque me ajudou a dar mais atenção às minhas próprias relações pessoais, de modo que eu pudesse julgar se aquilo era algo certo ou não e lidar de forma mais empática e paciente nas mais diversas situações.

O curso foi muito importante pra mim, mesmo sendo de curta duração. Uma coisa que achei bem interessante no grupo foi a abertura pra cada um falar e dar sua opinião, e percebi que muitos participantes no começo tinham bastante receio de falar, e no final já estavam falando mais naturalmente. Em relação ao conteúdo, eu gostei bastante da didática e dos "deveres de casa" que a gente tinha, tipo na aula de ouvir mais o outro, a gente teve que prestar atenção nisso durante a semana, ou em outra aula tínhamos que fazer um elogio a alguém e etc. Esses exercícios foram muito bacanas, porque muitas vezes a gente fica no automático e não para pra reparar nessas coisas. Depois do curso acredito que meu relacionamento com minha avó melhorou bastante, pois estou tentando ouvi-la mais e ter mais paciência com ela. O curso também ajudou na minha timidez no geral.

Cabe ressaltar que durante os encontros de supervisão os mediadores também relataram a importância do programa para o desenvolvimento de seu repertório de habilidades sociais. Coordenar grupos exige capacidade de escuta, empatia e respeito às diferenças, assertividade, habilidades sociais educativas, além da capacidade de tomar decisões e mediar possíveis conflitos. Dessa forma, o programa é uma oportunidade para treinar e desenvolver essas habilidades.

Atuação do Psicólogo Escolar em uma Perspectiva de Desenvolvimento de Talentos

Em consonância com os modelos teóricos contemporâneos acerca da superdotação, os programas de atendimento ao estudante com altas habilidades devem contribuir para o desenvolvimento do potencial intelectual e criativo, e de habilidades psicossociais (Renzulli, 2012; Subotnik et al., 2011). Nesse sentido, é importante discutir o papel do psicólogo escolar no desenvolvimento de talentos, atuando junto aos estudantes superdotados, à comunidade escolar e às famílias. A seguir serão apresentadas algumas possibilidades de atuação, a partir das recomendações de Alencar (2006), Fleith (2009) e Subotnik (2015):

1. Fornecer informações sobre o fenômeno da superdotação à comunidade escolar, utilizando recursos como palestras, cursos de formação e disponibilização de material bibliográfico.

2. Participar do processo de avaliação de alunos superdotados, visando à identificação de características socioemocionais, habilidades, interesses, estilos de aprendizagem e de expressão, potencialidades e necessidades.

3. Auxiliar os professores na elaboração de estratégias educacionais condizentes com o ritmo, estilo de aprendizagem, habilidades e nível de conhecimento do estudante superdotado.

4. Identificar recursos na comunidade local que possam atender às necessidades dos superdotados e favorecer o desenvolvimento de seus potenciais, tais como: bibliotecas, livrarias, cursos, oficinas, palestras, concursos e competições em diferentes áreas, oportunidades de estágios em empresas, além de recursos humanos como, por exemplo, voluntários que poderiam atuar como mentores.

5. Orientar os estudantes no processo de escolha profissional, ajudando-os a refletir sobre as implicações pessoais e sociais dessa decisão. É importante que o aluno seja capaz de identificar as motivações que norteiam sua escolha, distinguindo suas aspirações daquilo que pode representar anseios e pressões da família e da sociedade. Sugere-se também que sejam oferecidas oportunidades para que os estudantes conheçam e explorem suas áreas de interesse, e entrem em contato com o universo das profissões por meio de leitura de biografias, entrevista com profissionais e visita a locais de trabalho.

6. Coordenar grupos de apoio psicoeducacional, garantindo uma atmosfera segura e acolhedora, para que os estudantes possam compartilhar seus sentimentos e percepções acerca do que significa ser superdotado, além de discutir estratégias para lidar com eventuais dificuldades enfrentadas.

7. Conduzir programas de treinamento em habilidades psicossociais. Diferentes habilidades podem ser trabalhadas nesses programas, tais como: autoconhecimento e autorregulação emocional, controle do foco de atenção e concentração, habilidades de planejamento, gerenciamento do tempo, persistência, tomada de decisões e resolução criativa de problemas, liderança, desenvolvimento moral e ético, habilidades sociais.

O psicólogo escolar também pode atuar diretamente com as famílias dos estudantes com altas habilidades no sentido de: (a) auxiliar os pais a identificar as características, interesses e necessidades de seus filhos; (b) fornecer informações sobre o tema superdotação, indicando leituras e palestras *online*, por exemplo; (c) sugerir estratégias de como estimular os filhos no contexto familiar; (d) orientar os pais a identificar na comunidade em que vivem oportunidades e recursos que contemplem os interesses dos filhos e favoreçam o desenvolvimento de seus talentos; (e) coordenar grupos de pais, incentivando a troca de experiências relacionadas à educação e ao desenvolvimento dos filhos com altas habilidades; (e) estimular o estabelecimento de uma parceria cooperativa entre a família e a escola.

Considerações Finais

O Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais foi criado para responder às necessidades apontadas por estudantes superdotados e por seus professores. Os resultados descritos no presente artigo e os dados apresentados por Chagas-Ferreira et al. (2019) indicam que, de acordo com a percepção dos participantes, o programa é efetivo para o desenvolvimento de várias habilidades, além de ser uma experiência

gratificante. Intervenções como essa reforçam a importância de os programas de atendimento ao superdotado ampliarem seus objetivos para além da estimulação de aspectos cognitivos. Promover o desenvolvimento pessoal e a transformação de habilidades em produtividade criativa pode favorecer sentimentos de satisfação pessoal e autorrealização, além de gerar contribuições para sociedade em diferentes áreas. A educação de superdotados deve, portanto, estimular que estes utilizem seus talentos para construção de um mundo melhor (Renzulli, 2012).

A experiência relatada também sinaliza a importância da formação continuada dos profissionais que atuam no atendimento educacional aos estudantes superdotados. A parceria entre a Universidade de Brasília e a Secretaria de Educação do Distrito Federal tem proporcionado muitos avanços na compreensão das altas habilidades e no planejamento de intervenções respaldadas por estudos da área. Teoria e prática precisam estar em sintonia. Como sugestões para futuras edições do PDHS, indica-se a adaptação do programa para ser realizado em formato *online*, o planejamento de uma versão que contemple as necessidades específicas de estudantes com dupla condição, a elaboração de um programa de treinamento em habilidades psicossociais consideradas relevantes para cada área de talento, e a oferta do programa de desenvolvimento de habilidades sociais para os familiares dos estudantes superdotados.

Referências

- Alencar, E. M. L. S. (2006). O papel do psicólogo escolar na prevenção de dificuldades socioemocionais do aluno com altas habilidades. In M. C. R. A. Joly & C. Vectore (Eds.), *Questões de pesquisa e práticas em psicologia escolar* (pp. 101–123). Casa do Psicólogo.
- Alencar, E. M. L. S. (2007). Características sócio-emocionais do superdotado: Questões atuais. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 371–378. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200018>
- Alencar, E. M. L. S. (2014). Ajustamento emocional e social do superdotado: Fatores correlatos. In F. H. R. Piske, J. M. Machado, S. Bahia, & T. Stoltz (Eds.), *Altas habilidades/superdotação (AH/SD): Criatividade e emoção* (pp. 149–162). Juruá.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2001). *Superdotados: Determinantes, educação e ajustamento* (2. ed.). EPU.
- Chagas-Ferreira, J. F. (2014). Características socioemocionais do indivíduo talentoso e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais. In A. M. R. Virgolim, & E. Konkiewitz (Eds.), *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: Uma visão multidisciplinar* (pp. 98–111). Papyrus.
- Chagas, J. F., & Fleith, D. S. (2010). Habilidades, características pessoais, interesses e estilos de aprendizagem de adolescentes talentosos. *Psico-USF*, 15(1), 93–102. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100010>
- Chagas-Ferreira, J. F., Vilarinho-Rezende, D., Prado, R. M., & Lima, R. R. (2019). Desenvolvendo habilidades sociais com jovens talentosos: Um programa e múltiplas experiências. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35310. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35310>
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2008). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Vozes.

- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., Dymnicki, A. B., Taylor, R. D., & Schellinger, K. B. (2011). The impact of enhancing students' social and emotional learning: A meta-analysis of school-based universal interventions. *Child Development, 82*(1), 405–432. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x>
- Fleith, D. S. (2009). A contribuição do psicólogo escolar para o desenvolvimento das altas habilidades. In C. M. Marinho-Araújo (Ed.), *Psicologia escolar: Novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática* (pp. 245–264). Alínea.
- Foley-Nicpon, M., Assouline, S. G., Kivlighan, D. M., Fosenburg, S., Cederberg, C., & Nanji, M. (2017). The effects of a social and talent development intervention for high ability youth with social skill difficulties. *High Ability Studies, 28*(1), 73–92. <https://doi.org/10.1080/13598139.2017.1298997>
- Gross, M. U. M. (2014). Issues in the social-emotional development of intellectually gifted children. In F. H. R. Piske, J. M. Machado, S. Bahia, & T. Stoltz (Eds.), *Altas habilidades/superdotação (AH/SD): Criatividade e emoção* (pp. 85–96). Juruá.
- Neihart, M. (1999). The impact of giftedness on psychological well-being: What does the empirical literature say? *Roeper Review, 22*(1), 10–17. <https://doi.org/10.1080/02783199909553991>
- Neihart, M., Pfeiffer, S. L., & Cross, T. L. (Eds.). (2016). *The social and emotional development of gifted children: What do we know?* (2nd ed.). Prufrock Press.
- Oliveira, A. P., Capellini, V. L. M. F., & Rodrigues, O. M. P. R. (2020). Altas habilidades/superdotação: Intervenção em habilidades sociais com estudantes, pais/responsáveis e professoras. *Revista Brasileira de Educação Especial, 26*(1), 125–142. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382620000100008>
- Olszewski-Kubilius, P., Subotnik, R. F., Davis, L. C., & Worrell, F. C. (2019). Benchmarking psychosocial skills important for talent development. *New Directions for Child and Adolescent Development, 168*(spe), 161–176. <https://doi.org/10.1002/cad.20318>
- Pfeiffer, S. I. (2012). Current perspectives on the identification and assessment of gifted students. *Journal of Psychoeducational Assessment, 30*(1), 3–9. <https://doi.org/10.1177/0734282911428192>
- Pfeiffer, S. I. (2015). Tripartite model of giftedness and best practices in gifted assessment. *Revista de Educacion, 368*(1), 61–87. <https://giftedassessmentinsights.com/2020/01/23/tripartite-model-of-giftedness/>
- Renzulli, J. S. (2012). Reexamining the role of gifted education and talent development for the 21st century: A four-part theoretical approach. *Gifted Child Quarterly, 56*(3), 150–159. <https://doi.org/10.1177/0016986212444901>
- Smithers, L. G., Sawyer, A. C. P., Chittleborough, C. R., Davies, N. M., Smith, G. D., & Lynch, J.W. (2018). A systematic review and meta-analysis of effects of early life non-cognitive on academic, psychosocial, cognitive and health outcomes. *Nature Human Behavior, 2*(11), 867–880. <https://doi.org/10.1038/s41562-018-0461-x>
- Subotnik, R. F. (2015). Psychosocial strength training: The missing piece in talent development. *Gifted Child Today, 38*(1), 41–48. <https://doi.org/10.1177/1076217514556530>
- Subotnik, R. F., Olszewski-Kubilius, P., & Worrell, F. C. (2011). Rethinking giftedness and gifted education: A proposed direction forward based on psychological science. *Psychological Science, 12*(1), 3–54. <https://doi.org/10.1177/1529100611418056>